

2010: odisseia dois

arthur c. clarke

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

ODISSEIA

DOIS

AR1HUR C.

CLARKE

0

Dedicado, com respeito e admiração, a dois grandes russos,
ambos representados aqui:

General Alexei Leonov
— Cosmonauta, Herói da União Soviética, Artista

e

Académico Andrei Sakharov
— Cientista, Laureado Nobel, Humanista

ÍNDICE

Prefácio	15
Nota do Autor	17
I. <i>Leonov</i>	21
1 Encontro no Foco	23
2 A Casa dos Golfinhos	29
3 Sal 9000	35
4 Perfil de Missão	41
5 <i>Leonov</i>	45
II. <i>Tsien</i>	55
6 Despertar	57
7 <i>Tsien</i>	59
8 Trânsito de Júpiter	63
9 O Gelo do Grande Canal	71
10 Um Grito de Europa	77
11 Gelo e Vácuo	81
III. <i>Discovery</i>	87
12 Corrida Descendente	89
13 Os Mundos de Galileu	93
14 Encontro Duplo	97
15 Fuga do Gigante	103
16 Linha Privada	107

17 Grupo de Abordagem	111
18 Resgate	117
19 Operação Moinho	121
20 Guilhotina	125
21 Ressurreição	127
IV. Lagrange	131
22 Irmão Maior	133
23 Contacto	135
24 Reconhecimento	139
25 A Vista de Lagrange	143
26 Experiência	149
27 Interlúdio: Confissões Verdadeiras	153
28 Frustração	157
29 Emergência	163
V. Um Filho das Estrelas	167
30 Regresso a Casa	169
31 Disneyville	175
32 Crystal Spring	179
33 Betty	183
34 Despedida	187
35 Reabilitação	193
36 Fogo nas Profundezas	197
37 Separação	203
38 Paisagem de Espuma	207
39 No Hangar das Cápsulas	213
40 « <i>Daisy, Daisy...</i> »	219
41 Turno da Madrugada	225

VI. Devorador de Mundos	233
42 O Fantasma na Máquina	235
43 Experiência Mental	241
44 Truque de Desaparecimento	247
45 Manobra de Fuga	253
46 Contagem Decrescente	259
47 Voo Final	267
48 Sobre o Lado Noturno	275
49 Devorador de Mundos	281
VII. Ascensão de Lúcifer	285
50 Adeus a Júpiter	287
51 O Grande Jogo	291
52 Ignição	293
53 Uma Dádiva de Mundos	301
54 Entre Sóis	303
55 Ascensão de Lúcifer	305
Epílogo: 20.001	307
Agradecimentos	311
Posfácio de 1996	315

PREFÁCIO

CATORZE ANOS E MAIS ALÉM...

2010: A VISTA DE 1996

Mais uma vez, chegou o momento de avaliar um esforço começado há mais de trinta anos, antes de uma sucessão de descobertas científicas e revoluções tecnológicas tornarem o nosso mundo quase irreconhecível. Quando comecei a escrever *2001: Odisseia no Espaço* (numa máquina de escrever... têm visto alguma ultimamente?), o «pequeno passo» de Neil Armstrong estava a cinco anos de distância no futuro e as luas de Júpiter eram pontos de luz sem dimensão, com as suas paisagens tão desconhecidas como a América para os cartógrafos pré-colombianos. No entanto, enquanto escrevo estas palavras, a sonda espacial *Galileo* mostra-nos detalhes com apenas metros de largura. Mais espantoso ainda, posso visualizá-los em qualquer momento aqui no meu gabinete depois de pressionar algumas teclas. (Quando, como acontece frequentemente, pressiono as teclas erradas, ouço uma voz familiar que me diz: «Desculpa, Dave... Não posso fazer isso.»)

Logo, é impossível contornar o facto de que alguns elementos de uma trilogia espacial concebida em 1964, 1982 e 1987 poderão ter hoje um charme pitoresco digno de Jane Austen. Apesar disso, nenhuma revisão conseguiria eliminá-los ou deveria tentar fazê-lo — tal como ninguém deverá tentar «atualizar» *The First Men in the Moon* de H. G. Wells.

O que fiz, portanto, foi deixar o texto existente, incluindo as variadas Notas de Autor e Agradecimentos, completamente inalterados, mas acrescentei um posfácio de 1996 a comentar as mudanças verdadeiramente espantosas

que ocorreram na tecnologia (e na política) desde que Stanley Kubrick e eu almoçámos juntos no Trader Vics' em 22 de abril de 1964.

E isto, espero, resolverá a questão, pelo menos até 2010... bom, 2001.

NOTA DO AUTOR

O romance *2001: Odisseia no Espaço* foi escrito entre os anos de 1964 e 1968 e foi publicado em julho de 1968, pouco após a estreia do filme. Como descrevi em *The Lost Worlds of 2001*, os dois projetos avançaram em simultâneo, com influências nas duas direções. Assim, tive frequentemente a experiência de rever o manuscrito *depois* de ver as filmagens do dia baseadas numa versão anterior da história, uma forma estimulante, ainda que bastante cara, de escrever um romance.

Como resultado, existe um paralelismo muito maior entre livro e filme do que habitualmente acontece, mas há também grandes diferenças. No romance, o destino da nave *Discovery* era Jápeto, a mais enigmática das muitas luas de Saturno. O sistema saturniano foi alcançado via Júpiter. A *Discovery* aproximou-se do planeta gigante e usou o seu enorme campo gravitacional para produzir um efeito de «fisga» e para acelerar na segunda etapa da sua viagem. Exatamente a mesma manobra usada pelas sondas espaciais *Voyager* em 1979, quando fizeram o primeiro reconhecimento detalhado dos gigantes exteriores.

No filme, porém, Stanley Kubrick escolheu sabiamente evitar a confusão por localizar o terceiro confronto entre o homem e o monólito entre as luas de Júpiter. Saturno foi inteiramente retirado do guião, ainda que Douglas Trumbull tenha usado mais tarde os conhecimentos que adquiriu para filmar o planeta dos anéis numa produção própria: *Silent Running*.

Ninguém poderia ter imaginado, a meio da década de sessenta, que a exploração das luas de Júpiter não ocorresse no século seguinte e sim meros quinze anos mais à frente. Tal como ninguém sonhava as maravilhas que aí se descobririam, mesmo que seja certo que as descobertas das *Voyagers* gémeas serão um dia superadas por descobertas ainda mais inesperadas. Quando *2001* foi escrito, Io, Europa, Ganimedes e Calisto eram simples pontos de luz até para o telescópio mais poderoso. Agora, são mundos, cada um único, e um deles, Io, é o corpo celeste com maior atividade vulcânica do Sistema Solar.

No entanto, considerando tudo isso, tanto o filme como o livro resistem bastante bem à luz destas descobertas e é fascinante comparar as sequências de Júpiter no filme com as imagens reais captadas pelas câmaras das *Voyager*. Mas é claro que qualquer coisa escrita hoje terá de incorporar os resultados das explorações de 1979. As luas de Júpiter já não são território por cartografar.

E há outro fator psicológico mais subtil que deverá ser tido em consideração. *2001* foi escrito numa época que agora está do outro lado de uma das Grandes Barreiras da história humana. Ficaremos para sempre separados dela pelo momento em que Neil Armstrong pisou a Lua. 20 de julho de 1969 estava ainda a meia década de distância quando Stanley Kubrick e eu começámos a pensar no «filme de ficção científica proverbialmente bom» (expressão dele). Agora, a história e a ficção tornaram-se inseparavelmente entrelaçadas.

Os astronautas da *Apollo* já tinham visto o filme quando partiram para a Lua. A tripulação da *Apollo 8*, que, no Natal de 1968, se tornaram os primeiros homens da história a ver o Lado Oculto da Lua, disse-me que tinham sentido a tentação de comunicarem por rádio a descoberta de um grande monólito preto. No fim, o bom senso prevaleceu.

E houve outras ocorrências posteriores e quase incompreensíveis em que a natureza imitou a arte. A mais estranha de todas foi a saga da *Apollo 13* em 1970.

Como bom prenúncio, o Módulo de Comando, que alberga a tripulação, foi batizado *Odyssey*. Imediatamente antes da explosão do tanque de oxigénio que resultou no cancelamento da missão, a tripulação ouvia o tema *Zaratustra* de Richard Strauss, hoje universalmente identificado com o filme. Imediatamente após o corte de energia, Jack Swigert comunicou ao Controlo de Missão: «Houston, tivemos um problema.» As palavras que Hal usou com o astronauta Frank Poole numa ocasião semelhante foram: «Perdoa-me por interromper a celebração, mas temos um problema.»

Quando o relatório da missão *Apollo 13* foi posteriormente publicado, Tom Paine, o administrador da NASA, enviou-me uma cópia e escreveu por baixo das palavras de Swigert: «Tal como sempre disseste que aconteceria, Arthur.» Ainda tenho uma sensação muito estranha quando contemplo esta sequência de eventos... quase, na verdade, como se partilhasse alguma responsabilidade.

Outra semelhança é menos séria, mas igualmente notável. Uma das sequências de maior brilhantismo técnico é aquela em que Frank Poole é visto a correr às voltas na pista circular do centrífugo que é mantido no local pela «gravidade artificial» produzida pela sua rotação.

Quase uma década depois, a tripulação do extraordinariamente bem-sucedido *Skylab* percebeu que os projetistas o tinham dotado de uma geometria semelhante. Um anel de armários formava um círculo no interior da estação espacial. O *Skylab* não girava, mas isto não impediu os seus engenhosos ocupantes. Descobriram que conseguiam correr sobre a pista tal como ratos numa gaiola de esquilos para produzirem um resultado visualmente indistinto do que foi mostrado em *2001*. E transmitiram a experiência inteira para a Terra (tenho de referir qual foi a banda sonora?) com o comentário: «Stanley Kubrick, devias ver isto.» E, a seu tempo, foi o que fez porque lhe enviei a gravação *Telecine* (Nunca ma devolveu. O Stanley usa um Buraco Negro amestrado como sistema de arquivo.)

Outra ligação entre o filme e a realidade é o quadro do comandante da *Apollo-Soyuz*, o cosmonauta Alexei Leonov: *Perto da Lua*. Vi-o pela primeira vez em 1968, quando *2001* foi apresentado na Conferência das Nações Unidas sobre Usos Pacíficos do Espaço Exterior. Imediatamente após o fim do filme, Alexei referiu-me que o seu conceito (na página 32 do livro de Leonov e Sokolov *The Stars are Awaiting Us*, Moscovo, 1967) mostra exatamente a mesma configuração do início do filme: a Terra a erguer-se sobre a Lua e o Sol mostrando-se atrás de ambas. O seu esboço autografado do quadro está hoje pendurado na parede do meu escritório. Para mais pormenores, ver o Capítulo 12.

Talvez este seja o momento adequado para referir outro nome menos conhecido que surge nestas páginas, o de Hsue-shen Tsien. Em 1936, com o grande Theodore von Karman e Frank J. Malina, o Dr. Tsien fundou o Guggenheim Aeronautical Laboratory do California Institute of Technology (GALCIT), antepassado direto do famoso Jet Propulsion Laboratory de Pasadena. Foi também o primeiro Professor Goddard da Caltech e deu um grande contributo para a pesquisa americana de foguetões nos anos 40. Mais

tarde, num dos episódios mais desprezíveis do macarthismo, foi preso com acusações forjadas relacionadas com a segurança nacional quando desejava regressar ao seu país de origem. Durante as duas últimas décadas, foi um dos líderes do programa chinês de foguetões.

Finalmente, há o estranho caso de «O Olho de Jápeto», o Capítulo 35 de 2001. Aqui, descrevo a descoberta pelo astronauta Bowman na lua saturniana de um pormenor curioso: «(...) uma oval branca brilhante com cerca de seiscentos quilómetros de comprimento e trezentos de largura (...) perfeitamente simétrica (...) e sendo tão afiada que era quase como se alguém tivesse pintado com cuidado uma enorme oval branca na face da pequena lua.» Enquanto se aproximava, Bowman convenceu-se de que «a elipse brilhante recortada contra o fundo escuro do satélite era um olho enorme e vazio que o fitava(...)» Mais tarde, «reparou no minúsculo ponto preto no centro exato(...)», que revela ser o monólito (ou um dos seus avatares).

Bom, quando a *Voyager 1* transmitiu as primeiras fotografias de Jápeto, estas revelaram realmente uma oval grande e definida com um minúsculo ponto preto no centro. Carl Sagan enviou-me de imediato uma impressão do Jet Propulsion Laboratory com a anotação críptica: «Pensava em si...» Não sei se deva sentir-me aliviado ou desiludido porque a *Voyager 2* deixou a questão ainda em aberto.

Por isso, inevitavelmente, a história que estão prestes a ler é algo muito mais complexo do que uma simples continuação do romance anterior... ou do filme. Onde estes dois divergem, segui habitualmente a versão cinematográfica. Porém, preocupou-me mais tornar este livro consistente consigo mesmo e tão exato quanto possível à luz do conhecimento atual...

Que, claro, voltará a estar desatualizado quando chegarmos a 2001...

Arthur C. Clarke
Colombo, Sri Lanka
Janeiro de 1982

|

* **LEONOV**

ENCONTRO NO FOCO

Mesmo nesta era métrica, era ainda o telescópio de mil pés e não o de trezentos metros. O grande disco colocado entre as montanhas já se enchia até meio com sombras enquanto o sol tropical descia rapidamente para o seu repouso, mas a jangada triangular do complexo da antena suspensa a grande altura sobre o seu centro ainda ardia com luz. Do solo, muito abaixo, seria necessária vista apurada para ver as duas figuras humanas no labirinto aéreo de vigas, cabos de apoio e guias de ondas.

— Chegou o momento — disse o Dr. Dimitri Moisevitch ao seu velho amigo Heywood Floyd — de falar de muitas coisas. De sapatos e naves espaciais e lacre, mas sobretudo de monólitos e computadores avariados.

— Então foi por *isso* que me tiraste da conferência. Não que me importe realmente... Ouvei o Carl fazer aquele discurso sobre o SETI tantas vezes que consigo recitá-lo de memória. E a vista é realmente fantástica... Sabes que estive tantas vezes em Arecibo, mas nunca subi ao alimentador da antena.

— Que vergonha. Eu estive aqui três vezes. Imagina... Ouvimos o universo inteiro, mas ninguém consegue ouvir o que dizemos um ao outro. Por isso, falemos do nosso problema.

— Que problema?

— Para começar, o motivo para te demitires como diretor do Conselho Nacional de Astronáutica.

— Não me demiti. A Universidade do Havai paga muito melhor.

— Está bem — não te demitiste —, antecipaste-te a eles. Depois de tantos anos, Woody, não consegues enganar-me e devias desistir de tentar. Se te oferecessem outra vez o CNA, hesitarias?

— Pronto, velho cossaco. Que queres saber?

— Em primeiro lugar, há muitas pontas soltas no relatório que entregaste finalmente depois de tantas averiguações. Vamos ignorar o secretismo ridículo e francamente ilegal com que a tua gente desenterrou o monólito de Tycho...

— Isso não foi ideia minha.

— Fico feliz por saber. Até acredito em ti. E apreciamos o facto de deixarem agora que todos examinem a coisa, o que, claro, é o que deveriam ter feito desde o primeiro momento. Não que tenha servido de muito...

Seguiu-se um silêncio sombrio enquanto os dois homens ponderavam o enigma negro na Lua, que continuava a desafiar teimosamente todas as armas que o engenho humano conseguia usar contra ele. Depois, o cientista russo continuou:

— De qualquer forma, seja o monólito de Tycho o que for, há algo mais importante em Júpiter. Afinal, foi para lá que enviou o sinal. E foi lá que a tua gente teve problemas. Sinto muito por isso, a propósito... mesmo que o Frank Poole fosse o único que conheci pessoalmente. Conheci-o no Congresso da FAI em '98... Pareceu-me um bom homem.

— Obrigado. Eram *todos* bons homens. Gostava de saber o que lhes aconteceu.

— O que quer que tenha sido, certamente admitirás que passou a dizer respeito a toda a espécie humana e não apenas aos Estados Unidos. Já não podem tentar usar o vosso conhecimento para obter uma vantagem nacional.

— Dimitri, sabes perfeitamente que o teu lado teria feito exatamente a mesma coisa. E terias ajudado.

— Tens toda a razão. Mas isso é história antiga... como a vossa administração recém-terminada que foi responsável por toda a confusão. Com um novo presidente, talvez prevaleçam conselhos mais sensatos.

— Possivelmente. Tens alguma sugestão e são oficiais ou apenas esperanças pessoais?

— De momento, não tenho nada oficial. São aquilo a que os malditos políticos chamam discussões exploratórias. E negarei que alguma vez tenham acontecido.

— É justo. Continua.

— Muito bem. A situação é esta. Vocês constroem a *Discovery II* em

órbita estacionária tão rapidamente quanto conseguem, mas não podem esperar que fique pronta em menos de três anos, o que significa que falharão a próxima janela de lançamento...

— Não confirmo nem desminto. Não esqueças que não passo de um humilde *chancellor* universitário, do outro lado do mundo do Conselho de Astronáutica.

— E a tua última viagem a Washington foi apenas em férias para visitar velhos amigos, suponho. Continuando, a nossa *Alexei Leonov*...

— Pensei que lhe chamassem *Gherman Titov*.

— Errado, *chancellor*. A velha CIA voltou a desiludir-vos. Passou a ser *Leonov*, desde janeiro último. E não digas a ninguém que fui *eu* a dizer-te que chegará a Júpiter pelo menos um ano antes da *Discovery*.

— Não digas a ninguém que fui *eu* a dizer-te que tínhamos isso. Mas continua.

— Porque os meus chefes são tão estúpidos e cegos como os teus, querem fazê-lo sozinhos. O que significa que o *vosso* problema, qualquer que tenha sido, poderá acontecer-nos a nós e voltaremos à estaca zero... ou pior.

— Que achas que correu mal? Ficámos tão intrigados como vocês. E não me digas que não têm todas as transmissões do Dave Bowman.

— Claro que temos. Até ao último «Meu Deus, está cheio de estrelas!» Até analisámos a tensão nos padrões de voz dele. Não acreditamos que alucinasse. Tentava descrever o que via.

— E o que te parece o seu efeito Doppler?

— Completamente impossível, claro. Quando lhe perdemos o sinal, afastava-se a um décimo da velocidade da luz. E alcançou-a em menos de dois minutos. Um quarto de um milhão de gravidades!

— Então terá tido morte instantânea.

— Não te finjas ingénuo, Woody. Os rádios das vossas cápsulas espaciais não foram construídos para suportar um centésimo dessa aceleração. Se eles *sobreviveram*, o Bowman também. Pelo menos até perdermos o contacto.

— Estou só a fazer uma verificação independente das tuas deduções. Dáí em diante, estamos tão às escuras como vocês. Se vocês estiverem às escuras.

— Limitamo-nos a cruzar palpites tresloucados que teria vergonha de te contar. Mas suspeito que nenhum deles conseguirá ser tão louco como a verdade.

Em pequenas explosões carmesim, as luzes de alerta de navegação piscaram à sua volta e as três torres esguias que suportavam o complexo da antena começaram a faiscar como feixes de sinalização contra o céu cada vez mais

escuro. O último resquício vermelho de sol desapareceu atrás das colinas circundantes. Heywood Floyd esperou o Clarão Verde, que nunca tinha visto. Mais uma vez, sentiu-se desiludido.

— Então, Dimitri — disse. — Vamos diretos ao assunto. Onde queres chegar?

— Terá de haver uma grande quantidade de informação preciosa guardada nos bancos de dados da *Discovery*. Presumivelmente, continuará a ser recolhida, mesmo que a nave tenha parado de transmitir. Gostaríamos de ter acesso a ela.

— É justo. Mas, quando lá chegarem e a *Leonov* estabelecer contacto, o que vos impede de entrarem na *Discovery* e copiarem o que quiserem?

— Nunca esperei ter de te recordar que a *Discovery* é território dos Estados Unidos e que uma entrada sem autorização seria pirataria.

— Exceto numa emergência de vida ou de morte, que não seria difícil de forçar. Afinal, seria complicado para nós verificarmos o que os vossos rapazes fazem a mil milhões de quilómetros de distância.

— Obrigado por essa sugestão tão interessante. Vou transmiti-la. Mas, mesmo que subíssemos a bordo, demoraríamos semanas a aprender todos os vossos sistemas e a ler todos os vossos bancos de memória. O que proponho é a cooperação. Estou convencido de que será a melhor ideia, mas será difícil para os dois convenceremos os nossos respetivos chefes disto.

— Queres que um dos nossos astronautas viaje na *Leonov*?

— Sim... De preferência, um engenheiro especializado nos sistemas da *Discovery*. Como os que treinam em Houston para trazer a vossa nave de volta.

— Como sabes *isso*?

— Por amor de Deus, Woody... Foi referido no videotexto da *Aviation Week's* há mais de um mês.

— Estou desatualizado. Ninguém me diz o que deixou de ser confidencial.

— Mais um motivo para passares tempo em Washington. Apoias-me?

— Sem dúvida. Concordo contigo a cem por cento. Mas...

— Mas o quê?

— Ambos teremos de lidar com dinossauros cujos cérebros estão na cauda. Alguns dos meus argumentarão: Que os russos arrisquem a vida a correr para Júpiter. Chegaremos lá de qualquer forma uns anos mais tarde... Para quê a pressa?

Por um momento, houve silêncio na jangada da antena, exceto um estalo vago dos enormes cabos de suporte que a mantinham suspensa a cem metros

de altura. Depois, Moisevitch continuou, em voz tão baixa que Floyd precisou de apurar o ouvido para conseguir percebê-lo:

— Alguém verificou a órbita da *Discovery* ultimamente?

— Não sei, mas suponho que sim. Seja como for, para quê? É uma órbita perfeitamente estável.

— Deveras. Deixa-me recordar-te, sem qualquer tato, um incidente embaraçoso dos velhos tempos da NASA. A vossa primeira estação espacial, o *Skylab*. Devia ficar em órbita pelo menos uma década, mas não fizeram bem os cálculos. A resistência do ar na ionosfera foi mal calculada e caiu anos antes do prazo. De certeza que recordarás esse momento de *suspense*, mesmo que fosses um rapaz quando aconteceu.

— Foi o ano em que me formei e sabe-lo muito bem. Mas a *Discovery* não se aproxima de Júpiter. Mesmo no perigeu — hum, *perijove* — está demasiado alta para ser afetada pela resistência atmosférica.

— Já disse o suficiente para ser outra vez exilado para a minha *dacha*. E podem não te autorizar a visitar-me na próxima vez. Por isso, pede ao vosso pessoal do rastreio que se aplique mais no seu trabalho, está bem? E recorda-lhes que Júpiter tem a maior magnetosfera do Sistema Solar.

— Percebo onde queres chegar... Muito obrigado. Mais alguma coisa antes de descermos? Começo a ficar gelado.

— Não te preocupes, velho amigo. Logo que faças tudo isto chegar a Washington, espera cerca de uma semana pela minha autorização. As coisas vão ficar muito, muito quentes.

A CASA DOS GOLFINHOS

Os golfinhos nadavam para o interior da sala de jantar todas as noites, imediatamente antes do pôr do sol. Só numa ocasião desde que Floyd ocupou a residência do *chancellor* quebraram a sua rotina. Foi no dia do *tsunami* de '05 que, felizmente, tinha perdido a maior parte da sua potência antes de chegar a Hilo. Quando os seus amigos voltassem a não comparecer à hora prevista, Floyd enfiaria a família no carro e partiria para terreno elevado, na direção geral de Mauna Kea.

Por mais encantadores que fossem, tinha de admitir que a sua natureza brincalhona era, por vezes, um incómodo. O geólogo marinho rico que tinha projetado a casa nunca se importou de ficar molhado porque costumava vestir calções de banho... ou menos que isso. Mas tinha havido uma ocasião inesquecível em que o Conselho de Regentes inteiro, com traje formal, bebericava *cocktails* à volta da piscina enquanto esperava a chegada de um convidado distinto do continente. Os golfinhos deduziram, corretamente, que ficariam para segundo plano. Por isso, o visitante ficou bastante surpreendido pelo comité de receção desmazelado com roupões de banho que não lhes serviam — e o bufete estava muito salgado.

Floyd questionava-se frequentemente acerca do que Marion teria pensado do seu estranho e belo lar no limiar do Pacífico. Marion nunca gostou do mar, mas o mar acabou por vencer no fim. Mesmo que a imagem se desvanecesse aos poucos, Floyd ainda recordava o ecrã intermitente onde leu pela primeira

vez as palavras: DR. FLOYD — URGENTE E PESSOAL. E, depois, as linhas consecutivas de letras fluorescentes que transmitiram rapidamente a mensagem para a sua mente: LAMENTAMOS INFORMAR VOO 452 LONDRES-WASHINGTON APARENTEMENTE DESPENHADO AO LARGO TERRA NOVA. NAVIO-RESGATE A CAMINHO DO LOCAL MAS TEMEMOS NÃO SOBREVIVENTES.

Foi só por um acaso do destino que não estava naquele voo. Durante alguns dias, quase lamentou o assunto da Administração Espacial Europeia que o fez demorar-se em Paris; aquela discussão sobre a carga da *Solaris* salvou-lhe a vida.

E passava a ter um novo trabalho, um novo lar... e uma nova mulher. O destino também tinha desempenhado um papel irónico ali. As recriminações e investigações sobre a missão de Júpiter tinham destruído a sua carreira em Washington, mas um homem com o seu talento nunca passava muito tempo desempregado. O ritmo mais tranquilo da vida universitária sempre lhe tinha agradado e, quando combinado com uma das localizações mais belas do mundo, tornava-se irresistível. Tinha conhecido a mulher que seria a sua segunda esposa apenas um mês depois de ter sido nomeado, enquanto admirava as fontes de fogo de Kilauea com uma multidão de turistas.

Com Caroline encontrou o contentamento que é tão importante como a felicidade e mais duradouro. Tinha sido uma boa madrasta das duas filhas de Marion e tinha-lhe dado Christopher. Apesar da diferença de vinte anos entre eles, Caroline compreendia o seu temperamento e conseguia puxá-lo das suas depressões ocasionais. Graças a ela, conseguia agora contemplar a memória de Marion sem dor, mesmo sem escapar a uma tristeza nostálgica que permaneceria com ele durante o resto da sua vida.

Caroline atirava peixe ao golfinho maior, o macho grande a que chamavam Cicatriz, quando uma cócega ligeira no pulso de Floyd anunciou uma chamada. Tocou a pulseira metálica fina para desligar o alarme silencioso e evitar o audível. A seguir, dirigiu-se ao mais próximo dos comunicadores distribuídos pela sala.

— Fala o *chancellor*. Quem fala?

— Heywood? É o Victor. Como estás?

Numa fração de segundo, um caleidoscópio emocional inteiro atravessa a mente de Floyd. Primeiro, vem a irritação: o seu sucessor e, de certeza, principal orquestrador da sua queda nunca tinha tentado contactá-lo desde a sua partida de Washington. Depois, veio a curiosidade: que *teriam* para discutir? Seguiu-se a determinação teimosa de ser tão pouco útil quanto possível, a

vergonha por estar a ser infantil e, por fim, a excitação. Havia um único motivo possível para Victor Millson ligar.

Com uma voz tão neutral quanto conseguiu, Floyd respondeu:

— Não me posso queixar, Victor. Qual é o problema?

— Este circuito é seguro?

— Não, graças a Deus. Já não preciso deles.

— Hum. Bom, ponho as coisas assim. Lembras-te do último projeto que administraste?

— É pouco provável que esqueça, especialmente porque o Subcomité de Astronáutica me chamou para prestar mais declarações há apenas um mês.

— Claro, claro. Tenho de ler o teu depoimento quando tiver tempo. Mas tenho andado tão ocupado com a investigação e é esse o problema.

— Pensei que tudo corresse segundo o plano.

— E corre... infelizmente. Não há nada que possamos fazer para acelerar. Até a prioridade mais elevada nos faria ganhar apenas algumas semanas. E isso *significa que será tarde demais*.

— Não compreendo — disse Floyd inocentemente. — Mesmo que não queiramos perder tempo, claro, não há realmente um prazo.

— Agora há... Dois prazos.

— Espantas-me.

Se Victor tivesse notado a ironia, ignorou-a.

— Sim, há dois prazos... um determinado pelo homem e o outro não. Descobrimos agora que não seremos os primeiros a voltar à... hum... ao cenário da ação. Os nossos velhos rivais vão vencer-nos por pelo menos um ano.

— É pena.

— Isso não é o pior. Mesmo que não houvesse concorrência, chegaríamos tarde demais. Não haveria lá nada quando chegássemos.

— Isso é ridículo. De certeza que teria ouvido se o Congresso tivesse revogado a lei da gravidade...

— Falo a sério. A situação não é estável... Não posso dar pormenores agora. Estarás em casa o resto da noite?

— Sim — respondeu Floyd, percebendo com algum agrado que passaria muito da meia-noite em Washington.

— Ótimo. Receberás uma encomenda dentro de uma hora. Liga-me quando tiveres tempo de a estudar.

— Não será muito tarde?

— Sim, será. Mas já perdemos tempo demais. Não quero perder mais.

Millson cumpriu a promessa. Exatamente uma hora depois, um grande envelope selado foi entregue por um coronel da Força Aérea, que se sentou pacientemente a conversar com Caroline enquanto Floyd lia o conteúdo.

— Receio que tenha de o levar comigo quando terminar — disse o estafeta de patente elevada com pesar.

— Agrada-me sabê-lo — respondeu Floyd enquanto se instalava na sua rede de leitura preferida.

Havia dois documentos. O primeiro era muito curto. Estava carimbado como TOP SECRET, mas a palavra TOP tinha sido riscada e a modificação era aprovada por três assinaturas, todas completamente ilegíveis. Era óbvio que se tratava de um excerto de um relatório muito mais longo, tinha sido muito censurado e estava cheio de espaços em branco que tornavam a leitura muito irritante. Felizmente, as conclusões podiam resumir-se numa frase: Os russos chegariam à *Discovery* muito antes de os seus legítimos proprietários conseguirem fazê-lo. Porque Floyd já sabia aquilo, passou rapidamente ao segundo documento... mas não sem antes notar com satisfação que, daquela vez, tinham acertado no nome. Como era habitual, Dimitri tinha sido rigoroso. A expedição tripulada seguinte até Júpiter viajaria a bordo da nave espacial *Cosmonauta Alexei Leonov*.

O segundo documento era muito mais longo e meramente confidencial. Era, na verdade, um esboço de carta à *Science*, que esperava aprovação final antes da publicação. O seu título chamativo era «Descoberta de Veículo Espacial: Comportamento Orbital Anormal.»

Seguia-se uma dúzia de páginas de tabelas matemáticas e astronómicas. Floyd folheou-as, fixando-se em palavras pela música e tentando detetar qualquer indício de um pedido de desculpas ou até de embaraço. Quando terminou, não conseguiu conter um sorriso de irónica admiração. Ninguém conseguiria adivinhar que as estações de rastreio e os calculadores de posicionamento astral tinham sido apanhados de surpresa e que estava em curso um encobrimento frenético. Rolariam cabeças, sem dúvida, e sabia que Victor Millson gostaria de as fazer rolar... se a sua não fosse a primeira a ir. Mas, justiça lhe fosse feita, Victor tinha-se queixado quando o Congresso cortou os fundos da sua rede de rastreio. Talvez isso o isentasse de culpas.

— Obrigado, coronel — disse Floyd quando terminou de ler os papéis na diagonal. — Ter documentos classificados é como nos bons velhos tempos. É uma coisa de que *não* tenho saudades.

O coronel voltou a colocar com cuidado o envelope na sua pasta e ativou as trancas.

— O Dr. Millson gostaria que lhe ligasse logo que possível.

— Eu sei. Mas não tenho um circuito seguro, tenho algumas visitas importantes que chegarão em breve e não pretendo ir até ao seu gabinete em Hilo só para dizer que li dois documentos. Diga-lhe que os estudei com cuidado e espero com interesse nova comunicação.

Por um momento, pareceu-lhe que o coronel pretendia argumentar. A seguir, pensou melhor, despediu-se com rigidez e partiu morosamente pela noite dentro.

— Que foi *aquilo* tudo? — perguntou Caroline. — Não esperamos visitas nenhuma esta noite, importantes ou não.

— Odeio ser pressionado, especialmente pelo Victor Millson.

— Aposto que te liga mal ouça o relatório do coronel.

— Então temos de desligar o vídeo e fazer barulhos de festa. Mas, para ser perfeitamente franco, neste ponto, não tenho mesmo nada para dizer.

— Sobre o quê, se me é permitido perguntar?

— Desculpa, querida. Parece que a *Discovery* nos prega partidas. Pensámos que a nave estava numa órbita estável, mas pode estar prestes a despenhar-se.

— Em Júpiter?

— Oh, não... Isso é perfeitamente impossível. O Bowman deixou-a parada no ponto Lagrange interior, na fronteira entre Júpiter e Io. Deveria ter ficado aí, mais ou menos, mesmo que as perturbações das luas exteriores a fizessem mover-se para trás e para diante. Mas o que acontece agora é muito estranho e não conseguimos explicar completamente. A *Discovery* desliza com rapidez cada vez maior na direção de Io... mas, por vezes, acelera e, noutras ocasiões, chega a mover-se no sentido oposto. Se isto se mantiver, o impacto ocorrerá dentro de dois ou três anos.

— Pensei que isso não era possível na astronomia. Não é suposto que a mecânica celestial seja uma ciência exata? Era o que sempre diziam aos pobres biólogos atrasados como eu.

— *É* uma ciência exata, quando tudo é tido em conta. Mas acontecem coisas muito estranhas à volta de Io. Além dos seus vulcões, há descargas elétricas tremendas... e o campo magnético de Júpiter gira de dez em dez horas. Por isso, a gravidade não é a única força que age sobre a *Discovery*. Devíamos ter pensado nisto antes... muito antes.

— Bom... já não é problema teu. Devias sentir-te grato por isso.

«Problema». Precisamente a palavra que Dimitri tinha usado. E Dimitri — a velha raposa astuta — conhecia-o há muito mais tempo que Caroline.

O problema podia não ser dele, mas a responsabilidade não deixava de o ser. Mesmo que muitos outros estivessem envolvidos, aprovou na análise final os planos da Missão a Júpiter e supervisionou a sua execução.

Mesmo nesse momento, teve dúvidas. As suas convicções como cientista tinham colidido contra os seus deveres de burocrata. Podia ter falado, opondo-se às políticas de visão limitada da administração anterior... mesmo que ainda não fosse certo a que ponto teriam realmente contribuído para o desastre.

Talvez fosse melhor encerrar aquele capítulo da sua vida e focar todos os seus pensamentos e energias na sua nova carreira. Mas, no seu coração, sabia que isso era impossível. Mesmo que Dimitri não tivesse ressuscitado culpas antigas, estas teriam voltado à superfície sem ajuda.

Quatro homens tinham morrido e um tinha desaparecido lá longe, entre as luas de Júpiter. Havia sangue nas suas mãos e não sabia como poderia lavá-las.